

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Director, Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Director*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Director Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Director*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

Aviso Prévio

Uma eleição isolada, num único município, conseguiu alcançar efeito político nacional. A eleição do prefeito de Vila Velha, no Espírito Santo, adquiriu uma importância extraordinária por se constituir num aviso prévio aos políticos de modo geral e, em particular, numa severa repreensão ao PMDB, ao governo estadual e ao governo federal.

Explica-se de várias formas o sentido político extra na disputa pela prefeitura de Vila Velha. A que mais chama a atenção é o alto índice de votos nulos e em branco, que somaram 41%. Num universo de 170 mil eleitores, compareceram para votar apenas 38%. A soma dos votos perdidos e dos votos aproveitados mostra que o comparecimento foi elevado. Uma abstenção em torno de 20%, num momento de descrédito político, e numa eleição isolada, pode ser considerada excelente.

Pois bem, muito mais significativo do que a vitória conseguida pelo PT foi a derrota que premiou o PMDB. Um ano depois do mais estrondoso triunfo eleitoral registrado por um partido político neste país, quando elegeu 22 entre 23 governadores de estado, e fez maioria nas assembleias legislativas, o PMDB esvaziou-se de confiança. A derrota não poupou ninguém: o presidente Sarney, que foi o grande eleitor no ano passado (por esconder os números que mostravam o naufrágio do plano cruzado até o dia da eleição), pela mesma razão merece o título de maior derrotado em Vila Velha.

A derrota é tão grande que pode ser generosamente repartida entre todos. O governador do Espírito Santo, Max Mauro, foi agraciado com uma quota que antecipa o julgamento do seu governo depois de dez meses incompletos. Decepcionou porque prometeu mais do que podia. O PMDB pode mobilizar seus sociólogos e cientistas políticos, na tentativa de atenuar o impacto da derrota que sua legênda sofreu nas urnas de Vila Velha, onde se elegeu um prefeito por apenas dez meses, mas será em vão. Quebrou-se a confiança.

É elementar a conclusão de que, quando a soma dos votos dos candidatos é inferior aos votos jogados fora pelo eleitor, o protesto é incisivo. A segunda maior cidade do Espírito Santo ilustrou, com o recurso dos contrastes, o repúdio dos políticos pelos eleitores que perderam a paciência. Não é difícil diagnosticar a primeira causa do fenómeno perfeitamente compreensível: os candidatos que se elegeram em 86 repetiram o modelo tradicional, que se baseia no engodo de fazer promessas irresponsáveis.

O que mudou no Brasil — e para melhor — foi o

cidadão, que já se mostra mais rápido em tirar conclusões sobre os atos dos políticos. Os políticos pioraram, no sentido de que continuam incapazes de entender a lição. Não assumem as culpas pelo mal feito. Já se viu na atual representação nacional, apesar da sua responsabilidade constituinte, e nas ramificações representativas das assembleias estaduais, que continuam todos a se servirem, como sempre fizeram em matéria de administração pública.

Será que os políticos brasileiros não vão se dar conta de que a opinião pública está informada de que eles continuam isentos do imposto de renda que incide pesadamente sobre os salários dos eleitores? Ou que nomeiam parentes e favorecidos, para cargos públicos, burlando a obrigatoriedade do concurso? E os subsídios altos, com as mordomias das passagens conversíveis em viagens ao exterior, onde não existem eleitores? E as sessões extraordinárias — duas e três por dia — para engrossar o contracheque no final do mês? E a semana parlamentar, que corta a segunda-feira e a sexta-feira da relação dos dias de trabalho?

Os políticos acham que a opinião pública continua naquela de que eles tanto se beneficiaram no passado, quando os cidadãos calavam suas críticas para poupar a democracia. Viu-se que não se poupa a democracia, e sim aos destituídos de espírito público. Mais cedo ou mais tarde a desmoralização vinha do mesmo jeito.

Não mais agora. Os brasileiros já aprenderam que não devem poupar os relapsos, a título de preservar a democracia. A verdade não faz mal. Pelo contrário, quanto mais depressa forem desacreditados os políticos que falam em moralidade para se eleger e governam amoralmente, melhor para a credibilidade de um regime que sobrevive somente pelo voto. Os brasileiros começam a entender a necessidade de renovar aceleradamente a representação política e os governantes.

A Constituinte contribuiu para frustrar os eleitores. Os constituintes não corresponderam em clareza, idéias, convicções e coragem ao que a sociedade esperava deles. Não se desfizeram dos privilégios e mordomias que não fazem parte da dignidade parlamentar e nem das prerrogativas do mandato. Pior, a propensão às barganhas e às acomodações de interesses levaram o eleitor de Vila Velha, exprimindo um sentimento generalizado em todo o país, a demonstrar ao maior partido brasileiro, ao governo federal e ao governo estadual do Espírito Santo o real desagrado pelo baixo padrão da nova república.